

Construção Civil

História da construção vira tese na UnB

Um documento datado de 1985, toda problemática da habitação no DF, além da história da construção civil, baseado em estudo do antropólogo Gustavo Lins Ribeiro, que defendeu tese de mestrado na UnB sobre o tema, diz que o cerne do problema da habitação popular, deve levar em conta as peculiaridades de Brasília, enquanto cidade pré-concebida. No entanto, estas condições não significam porém, que o problema da habitação popular tenha feições diferentes das outras cidades do Brasil.

As previsões iniciais estimavam que as populações mais pobres, atraídas durante a construção da cidade, seriam gradativamente absorvidas: um terço na área urbana, um terço na área rural e o terço restante, deveria retornar aos seus locais de origem. A carência de habitações populares, segundo o documento, antecedeu à inauguração da cidade. Em 1958, como indica o antropólogo Gustavo Lins Ribeiro, eram proibidas novas construções na Cidade Livre (hoje Núcleo Bandeirante), norma que não impediu que a cidade provisória continuasse a crescer desordenadamente, como foi o caso da Vila Sarah Kubistchek (em 1959 a Vila possuía cerca de 60 mil habitantes).

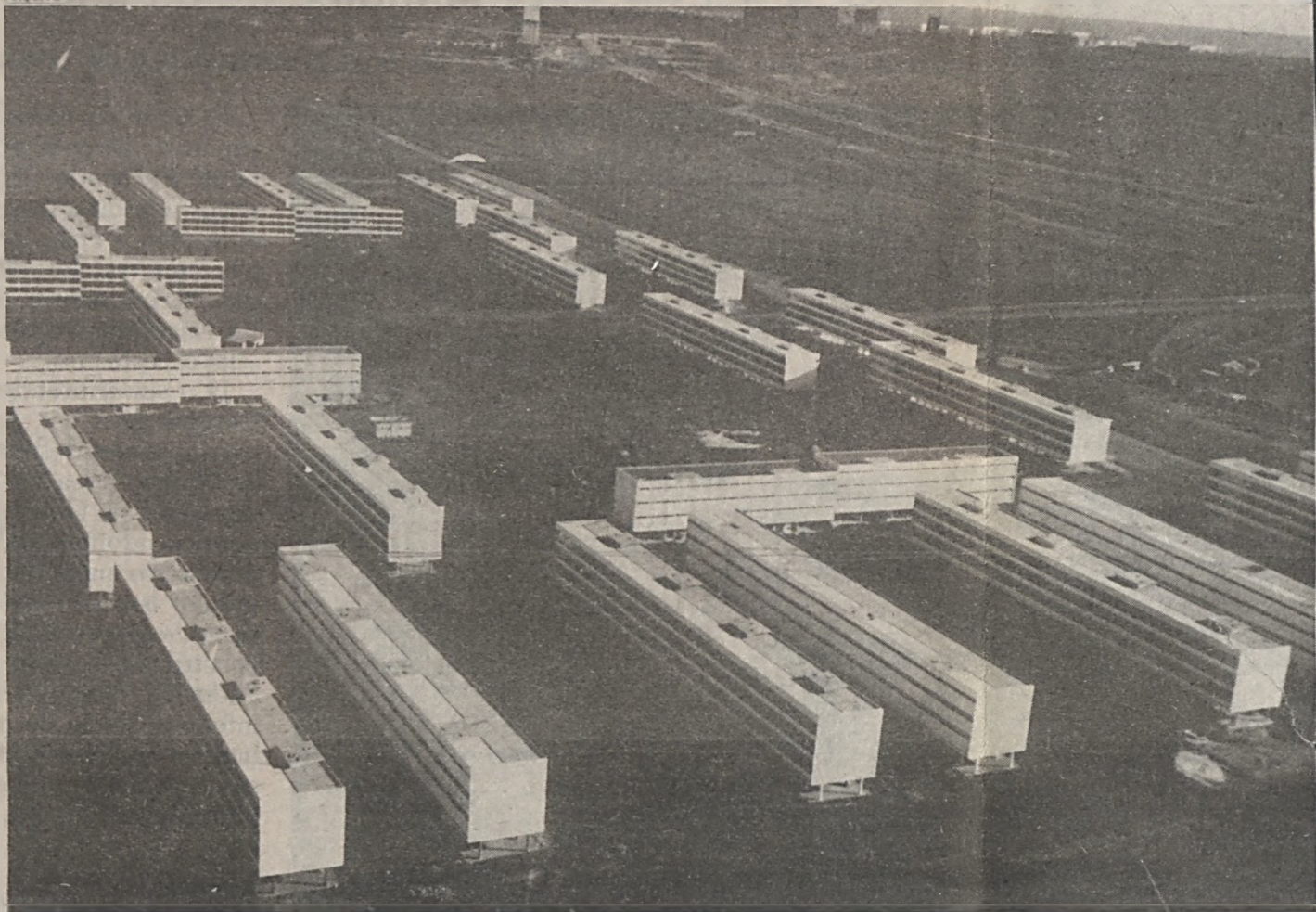
Os graves problemas de invasões, que até os dias atuais atormentam governos, já existiam em 1959. Neste ano, iniciava-se a política de erradicação de invasões, com a transferência da Vila Sarah, e outras, para a área de Taguatinga. Foi a partir da transferência da Vila Amauri, que surgiu Sobradinho, depois o Gama.

Mesmo depois de inaugurada, Brasília ainda se defrontou com o problema da erradicação. O Código de Obras, criado para garantir as premissas urbanas do Plano Piloto, eliminou os mecanismos existentes nas legislações de outras cidades, que permitiam o parcelamento do solo e a densificação das áreas urbanas, através da iniciativa particular. A legislação estimulou o surgimento de uma postura de assepsia em relação ao Plano Piloto, cerne da política de erradicação de invasões.

A consequência disto, foi que essa política culminou com a transferência de 12 mil barracos (já havia barracos naquela época) da Vila "IAPI" para a periferia de Taguatinga, num loteamento de 15 mil lotes, onde seriam localizadas todas as invasões do DF, a Ceilândia (o nome deriva de CEI — Campanha de Erradicação de Invasões). Nos dias atuais, esta política vem se repetindo quando, nos últimos meses, famílias de invasões no Plano Piloto, como as do Ceub, foram removidas para o assentamento de Samambaia ou Vila Roriz.

Caminhando lado-a-lado com a política de erradicação de invasões, o governo criou em 1962, a Sociedade de Habitações Econômicas de Brasília, a SHEB, com objetivo único de facilitar a aquisição de casa própria, às famílias de reduzido poder aquisitivo. O raciocínio era simples: as pes-

ARQUIVO

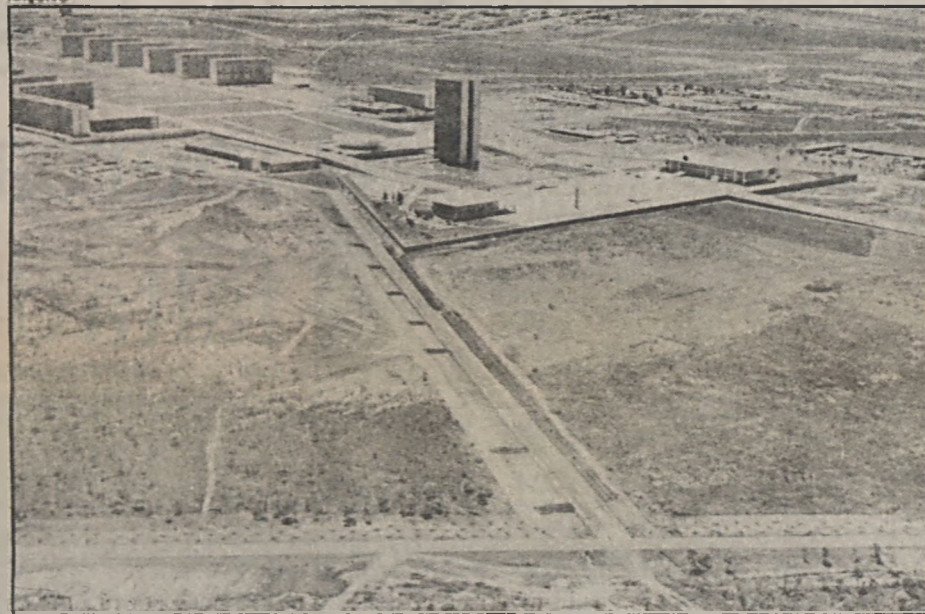


soas compravam a casa própria e, paralelamente o governo resolveria o problema das invasões. De 1962 a 1964, a SHEB construiu 98 unidades habitacionais em Sobradinho.

Em 1964, com a criação do Sistema Financeiro da Habitação (SDH) e do Banco Nacional da Habitação (BNH), a SHEB teve que ser reestruturada, mudou a sua razão social para Sociedade de Habitações de Interesse Social Ltda (SHIS), que passou a ser executora do Plano Nacional da Habitação em todo DF.

O processo dinâmico de expansão urbana, motivado pela posição do governo de não permitir a "enquistação de favelas" nem a agregação de novas áreas ao Plano Piloto, acabou

ARQUIVO



A construção de Brasília, o primeiro impulso para o setor

 Os barracos do início da construção da cidade foram parar na periferia, dando lugar às grandes superquadras do Plano Piloto

permitindo a formação de um modelo de organização composto pelo PP (centro) e cidades-satélites (periferia, como era denominado na época). Só que essa caracterização, ao contrário do que ocorre nas áreas metropolitanas brasileiras, no DF ficou mais exacerbada devido à separação física entre o centro (PP) e a periferia (satélites).

O documento, concluído em setembro de 1985, traça o perfil do início da construção de Brasília, os primeiros núcleos habitacionais (hoje cidades-satélites), o aparecimento da SHIS e o que ela representou até aquela data. As dificuldades de se implantar os núcleos eram, principalmente devido à distância do centro do DF, além de esbarrar no deslocamento de benefícios nestas áreas, como a infra-estrutura, serviços de equipamentos urbanos. Também houve razões mais contundentes: primeiro, os obstáculos (físico e financeiros), inerentes à distância, para os novos serviços serem instalados e interligados às redes existentes; em segundo lugar, a impossibilidade das concessionárias em acompanhar o ritmo de implantação das unidades residenciais.

Destarte, a maioria dos conjuntos habitacionais de Brasília foi implantado com o mínimo de infra-estrutura necessária, o que resultou em custos sociais assumidos pela população e contribuiu para uma rápida deterioração das unidades habitacionais construídas. O conceito de "déficit habitacional" está superado, segundo teóricos, pois antes imaginava-se que o problema da habitação popular resumia-se na questão de uma maior ou menor quantidade de moradias disponíveis. Estes estudiosos entendem que a solução do problema é um processo em que a construção da casa é apenas etapa, e que outros fatores, como localização, por exemplo, têm uma importância fundamental.